

**A METONÍMIA CONCEITUAL  
NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS:  
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE  
AS CONSTRUÇÕES ADJETIVAS E SUBSTANTIVAS**

*Marcela Cockell (UERJ)*  
[marcelacockell@hotmail.com](mailto:marcelacockell@hotmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho pretende investigar o uso da metonímia conceitual nos processos de formação de palavras focalizando, do ponto de vista cognitivo, as formações envolvendo adjetivos e substantivos, especialmente na ocorrência da conversão. Com este objetivo, abordaremos os pontos essenciais que nos permitem iniciar a discussão, apresentando as principais características e propriedades destas construções lexicais e dos processos metonímicos a elas relacionados.

**Palavras-chave:**

**Metonímia conceitual. Formação de palavras. Adjetivo. Substantivo. Conversão.**

**1. Introdução**

Iniciaremos nosso estudo explicitando propriedades das formações adjetivas e substantivas e dos processos de conversão, ilustrando através de alguns exemplos estes casos. Em seguida, descreveremos as concepções de metonímia, e mostraremos a partir dos exemplos descritos como o processo metonímico atua. Será possível verificar a relevância da metonímia nestas formações, relacionada à interação do significado linguístico ao conhecimento de mundo em sua interpretação, e, portanto, o seu caráter fundamental para a eficiência do léxico como um sistema dinâmico de armazenamento de formas simbólicas.

**2. O estudo da metonímia conceitual nas formações morfológicas envolvendo substantivo e adjetivo em situações de mudança de classe por conversão**

Nesse trabalho pretendemos iniciar uma reflexão que envolve as classes de palavras, especificamente a transposição de uma palavra de uma classe para outra, comum entre adjetivos e substantivos:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

a conversão. Veremos este fenômeno interagindo com os padrões morfológicos e lexicais motivado por fatores cognitivos, como a metonímia. Sendo assim, será possível associarmos o quanto à metonímia conceitual atua neste fenômeno, contribuindo para a eficiência do léxico e também no processo de formação de palavras.

Alguns estudos são considerados fundamentais em relação ao assunto, tais como Basilio (1987, 1995, 2004, 2006, 2007) tanto em relação aos processos de conversão e flutuação entre classes no português brasileiro, quanto em relação aos estudos da metonímia nas construções lexicais. Outros relevantes estudos que contribuem constantemente para o reconhecimento da metonímia, principalmente por estimular a sua continuidade: Radden e Kovecses (1999), Panther e Radden (1999), Panther e Thornburg (2002). Temos também em Langacker (1997), Peeters (2000) e Soares (2006), com colaborações que não são específicas ao tema, mas relevantes no estudo da linguística cognitiva e no estudo do léxico. Todos estes trabalhos são considerados colaboradores significativos, e por isso podem ser considerados delimitadores do conceito e concepções que permeiam a metonímia.

Na descrição do português a distinção entre as categorias de substantivo e adjetivo continua sendo problemática devido à sua imprecisão, especialmente no âmbito da teoria lexical, conforme Basilio (1995, p. 177). Contudo, a partir de características consideradas próprias de cada categoria podemos especificar propriedades de adjetivos e substantivos como, por exemplo: concordância de gênero e número, função sintática, etc. Embora esta seja uma questão indefinida na língua portuguesa, para não nos alongarmos nesta discussão, utilizaremos estas breves especificações como uma estratégia para analisar os casos de conversão de classe presentes nas palavras.

Ainda segundo Basilio (1987, 1995, 2006), em linhas gerais, são consideradas como propriedades de substantivos: a. semântica – a caracterização de seres; b. morfológicas – o gênero imanente e o número determinado pela pluralidade ou não de referentes (no caso de indivíduos, por exemplo) e c. sintática – ocorrência como núcleo do sujeito, presença de complementos e sintagmas preposicionados, ocorrência com adjetivos (adjuntos adnominais) e com determinantes e qualificadores. No caso dos adjetivos, temos como propriedades: a.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

semântica – caracterização de seres; b. morfológica – gênero e número em concordância com substantivo e ser de forma derivante para substantivos abstratos e c. sintática: ocorrência em estruturas predicativas com verbos estativos (estar) e de opinião e julgamento (achar, considerar) e de mudança de estado (ficar). Tendo estas considerações em mente, será possível identificar os processos de conversão e relacioná-los ao processo metonímico.

Consideramos conversão o fenômeno transferência de um item lexical de uma classe para a outra sem alteração de sua forma fonológica e geralmente incidentes de classes e subclasses que apresentam aspectos comuns, como nos casos substantivo/adjetivo. De acordo com Basilio (2006, p. 79), a conversão é o resultado de uma expansão de propriedades de uma palavra, que passa a ser utilizada em situações características da outra classe. Desse modo, encontramos itens lexicais que assumem globalmente as propriedades da outra categoria lexical e aqueles que assumem uma ou outra propriedade da outra classe, por exemplo, adjetivos usados como substantivos em contextos genéricos.

Para ilustramos as construções envolvendo os processos de conversão focalizaremos as seguintes situações: 1. uso de nomes de agente em função adjetiva; 2. uso de instrumentais em função adjetiva; 3. uso de nomes de cores em função substantiva; 4. uso de adjetivos em função substantiva em contextos genéricos (adjetivos substantivados) e 5. pares de adjetivo/substantivo.

Os nomes de agentes substantivos denotam um ser por suas ações ou atividades específicas, representadas pelo verbo, categorizam pessoas por suas atividades típicas, ou que representa um conjunto de atividades referentes a uma profissão ou papel social. Podem ser usados como adjetivo, especialmente nos casos como em X-dor, X-nte, X-ista que atribuem agentividade ao substantivo que passa a corresponder à atividade que representa, seu uso adjetivo caracteriza grupos, comissões firmas, etc. Por exemplo, em *examinador* (alguém que examina) é um nome de agente, designando alguém pelo seu ato de examinar, ou seja, um substantivo, já em *banca examinadora*, o nome de agente passa a exercer função de adjetivo, pois atribui agentividade ao termo que modifica. Tal qual em: *gestante e moda gestante* ou *petista e passeata petista*. As formações compos-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tas também podem especificar outros nomes de agente, como em *jornalista-escriptor*, temos uma dupla caracterização do agente.

No uso de instrumentais, com base na ação expressa pelo verbo, temos as construções morfológicas mais comuns: as de agente X-dor e X-nte. No primeiro caso, para a formação de instrumentais concretos e abstratos: *processador, lavadora, disjuntor, editor, divisor*, etc. Na segunda construção, a formação de elementos químicos: *amaciante, efervescente*. Podem funcionar como adjetivos caracterizando um agente: *creme amaciante*.

Em suma, tanto os nomes de agente quanto os instrumentais, podem funcionar como adjetivos, atribuindo agentividade ao substantivo que se referem, concordando em gênero e número, porém sem a conversão plena.

Nos nomes de cores enquanto adjetivos atribuem cores específicas aos referentes substantivos. No entanto, quando usados isoladamente, denotam a cor em si e apresentam função substantiva: *O carro amarelo foi rebocado./O amarelo é mais vibrante*. Neste caso temos a conversão plena, pois o substantivo formado exerce todas as funções de um substantivo, designando seres a partir de sua qualificação com flexão de número e gênero: *A amarela é mais vibrante./Os dois amarelos são vibrantes*.

No uso de adjetivos em posição/função de substantivo em contextos genéricos (adjetivos substantivados) as formações de adjetivo que são usados em função de substantivo para denotar seres, mas não chegam a ter propriedades plenas desta categoria. Em vez de qualificar um substantivo, o adjetivo funciona como um substantivo que parte do significado do adjetivo. Uma das características típicas para verificar esta questão nestas construções é não haver distinção semântica entre singular e plural, por se tratar de contextos genéricos e na maioria das vezes sem a possibilidade de flexão de gênero: *Confie nos justos./Confie no justo./\*Confie na justa*. Como adjetivos substantivados não perdem sua função de adjetivo apesar das propriedades substantivas, notamos que a conversão não é plena, pois flexão de número é indiferente por se tratar de contextos genéricos, e por isso, não há espaço para a flexão de gênero.

Nos pares de adjetivo/substantivo, temos o substantivo for-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

mado por uma conversão plena, isto é, podendo exercer todas as funções de um substantivo. Desse modo, o adjetivo qualifica os seres, enquanto o substantivo denota a característica atribuída pelo adjetivo. Segundo Basílio (2006, p. 81), os casos de substantivo correlato por conversão são relativamente poucos: *Escolhi um cão mais jovem/O jovem precisa votar./Escolhi um cão mais calmo./O calmo precisa votar.* Enquanto *jovem*, substantivo formado por conversão, pode atuar como um substantivo, vimos que no caso dos adjetivo substantivado *calmo* a sua ocorrência só é aceitável em contextos genéricos.

Até aqui, foi possível mostrar alguns exemplos de casos da conversão e como funcionam. Passaremos então ao ponto seguinte, em que demonstramos a metonímia atuando como um mecanismo que interage com os padrões morfológicos.

Sabemos que a que concepção mais tradicional da metonímia é a de contiguidade entre dois referentes, substituindo o nome de uma coisa por outra que tenha a sua representação, ou seja, de alguma forma relacionada. Neste trabalho, a metonímia vai além desta concepção representando um processo cognitivo que atua nos casos de flutuação adjetivo/substantivo, enfim, em uma visão conceitual.

Alguns estudos tornaram-se essenciais para entendermos os processos metonímicos, e serviram como base deste projeto. Primeiramente as observações de Panther e Radden (1999) que afirmam que a metonímia não é apenas um processo de substituição, mas um processo cognitivo em que funciona um esquema conceitual. Dentro desta perspectiva, Panther e Thornburg (2002, p. 281) restringem a metonímia à contiguidade entre conceitos e acrescentam a contingência, logo a associação entre os conceitos envolvidos deve ser contingente e não necessária. Por fim, temos a visão conceitual da metonímia do estudo de Radden e Kovecses (1999, p. 21) afirmando que o processo metonímico provê o acesso mental a uma entidade conceitual (o alvo) por meio de outra entidade (o veículo), ou seja, para que uma entidade conceitual acesse a outra é necessário que estas duas entidades estejam associadas de algum modo. Como exemplo desta relação, temos aqueles mais tradicionais: causa pelo efeito, lugar por instituição, lugar por evento, produtor pelo produto etc.

Focalizaremos a metonímia como fundamental para otimiza-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ção da eficiência lexical, considerando o léxico como um sistema de armazenagem de formas simbólicas associadas a significados, ou seja, um sistema que armazena símbolos em uma língua, as palavras. Desse modo, será possível estabelecer a ligação entre a metonímia conceitual, conhecimento linguístico e conhecimento de mundo, demonstrando que a metonímia é um mecanismo cognitivo de associação de conceitos no processo de formação de palavras.

Retomaremos aos casos que focalizamos neste trabalho, iniciando pelos nomes de agente. Sinalizamos que os nomes de agente são construções que denotam seres por uma atividade específica. Assim, em *banca examinadora* o processo metonímico atua associando automaticamente entendendo que aquele grupo de indivíduos possui uma característica específica: é uma banca específica para examinar, avaliar. Segundo Basilio (2004, p. 181), os nomes de agente já têm em sua estrutura lexical um componente adjetivo, para denotar a alguém um tipo de ação específica. Do mesmo modo ocorre no exemplo *gestante/moda gestante*, em que a especificidade de gestante é imediatamente acessada por metonímia.

Nas formações do tipo *jornalista-escritor*, temos os termos *jornalista*, *escritor*, *jornalista-escritor* e *escritor-jornalista*. Todos são substantivos que designam atividade a seres humanos. Sendo assim, o jornalista é aquele que redige ou escreve em um jornal, o escritor aquele que escreve obras literárias ou acadêmicas, em *jornalista-escritor* e *escritor-jornalista*, o segundo termo caracteriza o primeiro, logo, no primeiro caso trata-se de um escritor denotado por jornalista e no segundo caso, um jornalista denotado por escritor. Nestes casos, o processo metonímico provê o acesso da função adjetiva na palavra em posição adjetiva.

O mesmo processo ocorre nas formações instrumentais, que, conforme Basilio (2004, p. 182), também tem a função adjetiva embutida em sua estrutura lexical. Desse modo, o processo metonímico acionará automaticamente a interpretação adjetiva em, por exemplo, em que, por exemplo, *creme amaciante*.

No uso de nomes de cores, os substantivos formados por conversão são plenos, entretanto funcionalmente configuram a denotação por caracterização, sendo assim o acesso aos termos se dá associando a função designadora do adjetivo em posição de substantivo.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O processo metonímico também atua nos casos de especificação de cor por substantivos. Nestas situações, diferente em relação a adjetivos relativos a cor, não há concordância de gênero e número entre o substantivo nuclear do sintagma e o substantivo especificador: *bolsa cereja*, *blusa café/bolsas cereja*, *blusas café*. Através da metonímia a caracterização adjetiva é automaticamente acessada na palavra em posição adjetiva (o segundo termo que caracterizando o primeiro).

No caso dos adjetivos substantivados em contextos genéricos, a substantivação é funcional: a função predicativa do adjetivo reflete sobre qualquer referente caracterizado pelo significado do adjetivo. Por exemplo, em *justo* denota seres caracterizados pela justiça. Tal qual ocorre no nome de agente, estas construções são funcionalmente adjetivas em suas estruturas lexicais.

Já nos pares adjetivo/substantivo a situação funcional se mantém, no entanto nestes pares os substantivos são plenos, ou seja, ao designar uma qualidade não é dependente de contextos genéricos, ocorre em qualquer contexto. Temos a partir da função adjetiva, qualificando e caracterizando, a configuração da denotação por qualificação, ou seja, permitimos o acesso da acepção caracterizadora do adjetivo que se torna um substantivo pleno.

### **3. Considerações finais**

Nos casos de flutuação adjetivo/substantivo, foi possível notar a relação existente entre a denotação, a principal função semântica do substantivo e a qualificação, a principal função do adjetivo. Conforme mencionado anteriormente, embora não seja necessária é contingente. Desse modo, a qualificação pode ser usada como um modo de denotação e vice-versa.

Notamos ainda que a metonímia atua como um mecanismo que permite a dinâmica do léxico enquanto um sistema de armazenamento de símbolos. Nestes casos, podemos acessar mentalmente uma entidade conceitual através de outra (como adjetivos e substantivos) sendo possível armazenar apenas uma entidade conceitual. A flutuação adjetivo/substantivo nos permite estocar apenas um item lexical para as funções de denotação e qualificação. Segundo Basilio (2004, p. 183), o armazenamento é feito pela função prototípica, con-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tudo outras funções associadas são acessíveis pelo processo metonímico. Neste trabalho, procuramos desenvolver a ideia de que nestes casos, a metonímia é um mecanismo cognitivo de associação de conceitos, como os de adjetivo e substantivo, que permeia acesso mental imediato influenciando na interação linguística.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASILIO, M. Fatores funcionais e cognitivos na flutuação N/ ADJ no português do Brasil. In: SOARES, A.; GONÇALVES, M.; TORRES, A. (Orgs.) *Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva*. Coimbra: Almedina, 2004, p. 175-183.

\_\_\_\_\_. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Metaphor and Metonymy in Word Formation. *DELTA*, v. 22, Edição Especial, EDUC, São Paulo, 2006, p. 67-80.

\_\_\_\_\_. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, Jurgen. (Org.) *Flores verbais*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 177-192.

\_\_\_\_\_. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais. *ABRALIN*, v. 6, n. 2, jul./dez. 2007, p. 9-21.

\_\_\_\_\_. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. The University of Chicago Press, 2003.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1997.

PANTHER, K. U.; THORNBURG, L. The roles of metaphor and metonymy in English –er nominals. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Ed.), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002.

\_\_\_\_\_. RADDEN, G. Introduction. In: PANTHER, K. U.; RADDEN, G. (Ed.) *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

PEETERS, B. (Ed.) *The lexicon-encyclopedia interface*. Amsterdam: Elsevier, 2000.

RADDEN, G.; KOVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, K. U.; RADDEN, G. (Ed.) *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

SOARES, A. *O mundo dos sentidos em português*. Coimbra: Amedina, 2006.